



Crónicas de Mia Couto: o *entregénero*. Em torno do hibridismo genológico

Lola Geraldés Xavier

Escola Superior de Educação de Coimbra

PALAVRAS-CHAVE: CRÓNICA, CONTO, HIBRIDISMO, *CRONICANDO*, *PENSAGEIRO FREQUENTE*.

KEYWORDS: CHRONICLE, SHORT STORY, HYBRIDIZATION, *CRONICANDO*, *PENSAGEIRO FREQUENTE*.

Nós não podemos fazer uma literatura de costas viradas para a vida.

(Mia Couto, in Chabal, 1994: 290).

1. A partir do século XIX, a crónica é cultivada por grandes escritores deixando de se restringir ao sentido da etimologia latina (*chronīca, ōrum*), i.e., relato de factos históricos cronologicamente ordenados. Actualmente o termo crónica é usado, por um lado, no âmbito jornalístico enquanto “coluna de periódicos, assinada, com notícias, comentários, algumas vezes críticos e polémicos, em torno de actividades culturais, de política, economia, divulgação científica, desporto, etc., abrangendo também o noticiário social e mundano” (Houaiss, 2003, I: 1138). O cronista aborda “circunstâncias” (Sá, 2005: 11), ou seja, pequenos acontecimentos do dia-a-dia que poderiam passar despercebidos ou relegados à marginalidade por serem considerados insignificantes. Por outro lado, no âmbito literário, comunga das características da crónica jornalística, a que se acrescentam outros elementos. Como refere Jorge de Sá:

com o seu toque de lirismo reflexivo, o cronista capta esse instante brevíssimo que *também faz parte da condição humana* e lhe confere (ou lhe devolve) a dignidade de um núcleo estruturante de outros núcleos, transformando a simples *situação* no diálogo sobre a complexidade das nossas dores e alegrias. Somente nesse sentido crítico é que nos interessa o lado circunstancial da vida. E da literatura também. (Sá, 2005: 11. Sublinhados do autor)

Apesar de estes episódios do quotidiano poderem ser transpostos na crónica jornalística ou na crónica literária, esta é considerada como “texto literário breve, em geral narrativo, de trama quase sempre pouco definida e motivos, na maior parte, extraídos do quotidiano imediato” (Houaiss, 2003, I: 1138). O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* regista ainda, neste domínio literário, outra possibilidade: “prosa ficcional, relato com personagens e circunstâncias alentadas, evoluindo com o tempo” (ibid.: 1138). Neste sentido, e ironicamente, “seja pela linguagem, pela sintaxe, pela variedade de poéticas, ou principalmente pela dessacralização dos temas sagrados e consagrados, a literatura conseguiu encontrar-se com a sua inimiga tradicional: a vida mundana” (Sá, 2005: 7).

Constata-se, assim, que apesar do nascimento da crónica ser nos periódicos, ela pode apresentar um pendor de fronteira entre o jornalismo e a literatura. No entanto, para além do tipo de nascimento semelhante há outras características em comum entre a crónica jornalística e a crónica literária: a transitoriedade, que lhe advém da efemeridade dos jornais e revistas, e a urgência – o cronista geralmente tem pouco tempo para escrever o seu texto tentando chamar a atenção de leitores apressados e/ou distraídos. Para além disso, os acontecimentos, contemporâneos de quem escreve, são rápidos e exigem agilidade de ritmo. A crónica vive, pois, dos seus constrangimentos. É direccionada a um determinado tipo de público consoante o género de publicação periódica onde sai e dispõe de um limite de espaço para a publicação. Este factor contribui para a sua riqueza, pois a economia condiciona a condensação estrutural do texto.

Estas características têm como consequência o coloquialismo, a sintaxe desestruturada, solta, mais próxima do registo oral. É um coloquialismo que é dialogismo, pois une cronista e leitor, harmonizando o coloquial com o literário.

O escritor moçambicano Mia Couto enquadra-se bem nesta relação entre jornalismo e literatura. Escritor consagrado da literatura de língua portuguesa, já agraciado com vários prémios, começou por ser jornalista, a partir de 1974, tendo dirigido vários periódicos como a revista semanal *Tempo* e o jornal *Notícias de Maputo*, para além de ter exercido a direcção da Agência de Informação de Moçambique, após a independência do país. Estreou-se,

em Portugal, com os livros de contos *Vozes Anoitecidas* (1987) e *Cada Homem é uma Raça* (1990). Um ano depois, 1991, publica o seu primeiro livro de crónicas, *Cronicando*.

Escritor multifacetado, escreveu poesia, contos, romances, textos de intervenção, crónicas, etc. É sobre a vertente cronística de Mia Couto que se falará neste texto. Até ao momento, Mia Couto publicou em Portugal¹ quatro livros que poderemos considerar de intervenção. Destes, apenas dois se inscrevem na crónica, e apenas um traz explicitada essa inscrição genológica na capa, *Cronicando* (1991). Em *Pensageiro Frequente* (2010), essa inscrição genológica aparece na “Nota introdutória” assinada pelo autor, e de que se falará mais à frente. Os restantes livros deste autor a que nos referimos são: *Pensatempos*, com o subtítulo “Textos de opinião” (2005) e *Se Obama fosse Africano e outras Interinvenções* (2009).

Constatamos, logo pelos títulos, a criatividade do autor ao construir novas amálgamas linguísticas adequadas aos propósitos do escritor. É flagrante o facto de se repetir a ideia de ‘pensar’ em dois destes títulos, no sentido de intensificar a ideia de reflexão, antítese da passividade mental, que não casa bem com a necessidade de analisar os acontecimentos da contemporaneidade.

2. O livro de 1991, pelo título, denuncia o género em que se inscreve, a crónica, indiciando pelo gerúndio o fazer cronológico da crónica, por um lado, e por outro o número considerado de textos que o volume inclui. Estes textos aproximam-se do conto e são, no geral, textos literários breves que evidenciam cenas do quotidiano moçambicano, sobretudo no período do pós-independência e da guerra civil. Como refere Fernanda e Matteo Angius:

Crónicas há em que o circunstancial (que deveria limitar este género) se alarga, dando lugar a uma narrativa em que realidade e ficção se entrelaçam e desenvolvem uma intriga que afasta o texto da sua referencialidade localizada no espaço e no tempo empírico, levando-nos a ter de diferenciar os textos de *Cronicando* em dois tipos: textos que podemos designar por crónicas e os que são verdadeiros contos. (Angius e Angius, 1998: 28)

Também Pires Laranjeira, em relação a *Cronicando*, refere que algumas das crónicas deveriam “justamente ser consideradas contos” (Laranjeira, 2001: 194).

¹ Mia Couto publicou em Moçambique *O País do Queixa Andar* (2003), resultado de crónicas jornalísticas que foram publicadas durante as décadas de oitenta e noventa nas colunas “Queixatório” e “Imaginadâncias” que Mia Couto assinava no jornal *Domingo*. Para além de periódicos moçambicanos, também tem escrito, por exemplo, para a revista angolana *África 21*.

Em entrevista a Michel Laban, Mia Couto destaca o género híbrido da sua escrita, lembrando que em *Cronicando* “estou na estória condensada, no pequeno conto, mas ainda estou preso à actualidade, à circunstância do momento” (apud Laban, 1998: 1036). O autor destaca, assim, a forma do conto em conteúdo de crónica, neste livro. Estes textos apresentam apenas uma acção como é comum nos contos e incluem personagens ficcionais, muitas das vezes em situações extraídas do quotidiano do escritor. Por outro lado, o desenvolvimento temporal da crónica é mais condensado do que o do conto, mas sobretudo o que a distingue daquele é a relação com o tempo *in fieri*, um tempo que escreve ainda a história em decurso. E é este tempo que está presente nestes textos de Mia Couto.

Não é evidente categorizar os 49 textos que constituem o *corpus* de *Cronicando*, numa taxinomia fechada de conto ou crónica, porque a maioria narra, de facto, uma “estória”. Em alguns textos, o autor parece classificar o texto pela escolha que faz do vocábulo, como acontece no início de “Escrevências desinventosas”: “Estava eu predisposto a escrever mais uma *crónica* quando recebo a ordem (...)” (C²: 163 – sublinhados nossos), ou no final de “Amar à mão armada ou armar a mão amada?”: “Desarmados, personagens e respectivo autor se retiram, deixando a *crónica* limpa de sangue, isenta de lágrimas” (C: 186 – sublinhados nossos). Por outro lado, encontramos igualmente o lexema “estória”³ e o vocábulo “episódio” (C: 25). Também o início de “O jardim marinho” começa por “Era uma vez um menino que nasceu cego para as coisas da terra” (C: 53), aproximando a crónica dos contos populares. Vemos, no exemplo dado em cima, de “Amar à mão armada ou armar a mão amada?”, que Mia Couto mistura personagens ficcionais com o autor, colocando nas crónicas essas personagens para abordar questões contemporâneas e reais. Esse facto delimita as expectativas do receptor e orienta a sua leitura do texto.

No entanto, a fronteira entre o conto e a crónica, em Mia Couto, é ténue. As marcas da oralidade são bem visíveis, aproximando estes textos do conto oral. Expressões que habitualmente iniciam os contos tradicionais como “Era uma vez um menino que nasceu cego para as coisas da terra”, de “O jardim marinho” (C: 53) e “Deu-se em época onde o tempo nunca chegou”, de “A velha e a aranha” (C: 33), marcam a intemporalidade da estória e remetem para a concepção de tempo africano.

² Usaremos abreviaturas para indicar de onde são retiradas as citações de livros de Mia Couto: C: *Cronicando*; PF: *Pensageiro Frequente*; I: *Inteinvencões*; VA: *Vozes Anoitecidas*.

³ Ver, por exemplo, “O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa” (C: 46) e o início em “Mulher roxa em vestido laranja”: “Já aviso: esta estória eu que inventei” (C: 73).

A linguagem usada vem também ao encontro da aproximação da escrita com o registo oral⁴, tentando imitar o discurso usado pelas personagens como em “Um pilão no nono andar” e “O retro-camarada”. Para além dos trocadilhos, visíveis logo no título de alguns contos, também o uso de provérbios é recorrente em *Cronicando*, aparecendo por vezes em catadupa como em “Sangue da avó, manchando a alcatifa”: “Siga-se o improvério: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri” (C: 25). A associação entre provérbios, trocadilhos, amálgamas linguísticas e neologismos aproxima o texto escrito da oralidade, característica usada com intenção literária na generalidade dos textos de Mia Couto.

Tomemos como exemplo “O viajante clandestino” (C: 21-23). Na sua tese de mestrado, Avani Silva (2007) constrói a argumentação em torno da classificação deste texto enquanto conto. O narrador deste conto é também personagem, alterando o previsível final da estória com a sua intervenção e ultrapassando a barreira do narrador-repórter. Pela sua interferência, potencia a simpatia pela personagem principal, a criança, desde a sala de espera do aeroporto até ao avião. É bem nítida aqui a identificação do narrador com uma das personagens, característica que se repete ao longo destes textos. A ludicidade da criança, de onde se destaca o uso da criação de amálgamas linguísticas, funde-se com a do escritor: “arvião”; “passaporteiro”, “migraceiro” (C: 21-22). Este é um texto que se distingue da generalidade dos de *Cronicando*, pois a mensagem final é a da vida: o narrador, transgredindo, salva o sapo de ser atropelado, eventualmente, pelo avião, levando-o a bordo consigo e alegrando assim o menino.

De facto, o espectro da morte e da guerra, quer através do campo semântico, quer do campo lexical, ensombra grande parte dos textos. “A carta”, que abre a colectânea, é disso sinal. Também na última crónica, “O Gentipó, suas gentis poeiras”, se remete para o campo lexical da guerra através de vocábulos como: “tiros”, “disparos”, “morto”, “bandos”, “sabotagem”, “morto” (C: 192). A relação do texto com esta temática compreende-se pela natureza temporal da crónica, note-se que o livro é publicado em 1991, a um ano ainda da Assinatura do Acordo de Paz da Renamo com a Frelimo.

⁴ Como refere Mia Couto em *Interinvenções*: “A oralidade é um território universal, um tesouro rico de lógicas e sensibilidades que são resgatadas pela poesia” (I: 25).

Estamos, pois, em presença de textos da primeira fase⁵ de Mia Couto, em que os neologismos e a criação de amálgamas linguísticas⁶, genericamente consideradas como neologismos pela maioria dos críticos, contribuem para a estrutura concisa das crónicas, para a sua beleza e lirismo. A consciência de críticas em relação à criatividade da linguagem miacoutiana, no início da sua carreira de escritor, está patente metaforicamente em “A morte nascida do guardador de estradas”, com o subtítulo “(aos puristas da língua)” e explicitamente em “Escrevências desinventosas”. Trata-se, nesta última crónica, de uma referência provocatória aos que criticavam, aquando do aparecimento de *Vozes Anoitecidas*, a perturbação da norma linguístico-literária, vista como modo infeliz de captar a fala popular. A estes o escritor continua a responder com a imaginação e a liberdade de repensar a escrita.

As temáticas giram à volta da condição humana dos mais fracos e desfavorecidos, pois como escreve o escritor no “Texto de abertura” a *Vozes Anoitecidas*: “O que mais dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros” (VA: 19). No entanto, o escritor está atento e desmistifica e fala sem pudor da pobreza, através de personagens como a velha Cacilda de “A carta”, que abre *Cronicando*.

Uma das temáticas presentes em *Cronicando* é a do enriquecimento fácil de alguns moçambicanos da cidade através da corrupção e que o título de “Carta entreaberta do corrupto nacional” expõe. Também “Mulher roxa em vestido laranja” versa sobre esta temática. Mas se nestes dois textos este problema social é abordado de forma irónica, a roçar o cómico, em alguns momentos, em “Sangue da avó, manchando a alcatifa”⁷ o assunto é apresentado de forma mais dramática e metafórica, instaurando *ab initio* o título o horizonte de expectativas do leitor. É um dos textos em que se expõe a ruptura das tradições. A avó tentada pela novidade chega a “bonitar-se”, mas ao sair à rua e ver tanta “miséria mendigando” (C: 27) na cidade, estendendo-lhe as mãos por a serem rica: “Regressada a casa. Ela despiu as roupas, atitou no chão os enfeites. Da mala de cartão retirou as consagradas capulanas, cobriu o cabelo com o lenço estampado” (C: 27). Esta relação entre a

⁵ Consideramos a primeira fase do autor o período em que a crítica literária fazia ressaltar a obra de Mia Couto pelos neologismos. A partir, sobretudo, de *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002), inclusive, Mia Couto demarca-se deste retrato da sua obra e os neologismos passam a ser mais comedidos e deixam de aparecer em catadupa.

⁶ Sobre esta questão ver Nunes e Coimbra, 2007.

⁷ Sobre esta crónica ver, por exemplo, o estudo feito por Flávia Cristina Bandeca Biazetto (2007).

modernidade e a tradição está ainda patente no mesmo texto: “Mais à noite, ela despertava e luscofuscava seus pequenos olhos pela sala. Filhos e netos se fechavam numa roda, assistindo vídeo. Quase lhe tinha um sentimento doce a memória da fogueira arredondando os corações” (C: 26). No entanto, a vontade de contar histórias que tinha não era partilhada por nenhum dos netos, pois “Os miúdos enchiam as orelhas de auscultadores” (C: 26). A tradição está, pois, a ser substituída na cidade por outros costumes globalizados. Esta não é, todavia, a temática central da crónica. A temática central recai na “corrupção do regime”, como refere o próprio autor sobre este texto a Patrick Chabal (1994: 288).

Nem todas as crónicas se aproximam de um relato com personagens, algumas são o conjunto de reflexões do autor, sobretudo em torno de animais ou de outros elementos da natureza, como a água, influência da sua outra profissão, de biólogo. É o caso das crónicas “Natural da água”; “Pingo e vírgula”; “No zoo-ilógico”; “Animais, animenos” e “O monstro infantil”, em que estruturalmente também se apercebem as diferenças: não há um fio condutor na acção, os vários exemplos dados são feitos introduzindo um espaço entre os parágrafos. Também em *Pensageiro Frequente* há crónicas que se assemelham a esta temática e estrutura, é o caso de “Outras formas de voar”.

3. É notória a diferença entre estes livros. Em *Cronicando*, as crónicas aproximam-se mais do conto, pela estrutura e trama, são enriquecidas pelos neologismos e amálgamas linguísticas, pelas metáforas e pelo lirismo. Apesar de *Pensageiro Frequente* ser indubitavelmente também um livro de crónicas, a estrutura e a temática afastam-se de *Cronicando*. A diferença percebe-se logo pela explicação dada na “Nota Introdutória” assinada por Mia Couto⁸. Aí, o escritor esclarece que os textos que o leitor vai ler foram publicados na Revista *Índico*, revista de bordo das Linhas Aéreas de Moçambique, com a qual colabora desde 1999. São, por isso, “textos ligeiros”, como refere no início (PF: 9). Ao longo da breve “Nota Introdutória” usa a terminologia de “texto”, refinando-a, no último parágrafo, para “estes contos e crónicas” que acredita “desobedeçam ao pecado original que marcou o seu nascimento” (PF: 10). Daqui tiramos duas conclusões. Em primeiro lugar, que o autor tem consciência da diferença genológica dos textos inseridos no mesmo volume, daí talvez não encontrarmos já no paratexto, como encontramos em *Cronicando*, a categorização genológica destas narrativas breves. Em segundo lugar, a convicção de que a qualidade destas narrativas breves fá-las ultrapassar a perenidade dos textos publicados em periódicos. E,

⁸ Procedimento usado também em *Interinvenções*.

de facto, a partir do momento em que se publicam as crónicas (ou contos) em livro está-se a libertá-las da efemeridade que caracteriza a imprensa. Segundo Jorge de Sá, quando as crónicas são compiladas em livro, muda a atitude do leitor perante o texto (Sá, 2005: 85), pois o público leitor não será tão apressado quanto é o dos jornais. Isso faz com que os leitores se demorem mais na leitura destas crónicas, numa atitude mais reflexiva e intensa, permitindo novas possibilidades interpretativas a partir de cada releitura (Sá, 2005: 86).

Por outro lado, em certa medida, Mia Couto parece contradizer-se ao adiantar a classificação dos seus textos em relação a declarações feitas a Patrick Chabal há quase duas décadas: “A única coisa que eu posso dizer é que eu estou tentando criar... beleza (...). De criar a partir da desarrumação daquilo que é o primeiro instrumento de criação, que seria a língua, a linguagem, e os modelos de uma narrativa. (...) Porque é que a coisa tem de estar arrumada, porque é que é *preciso haver esta categorização de géneros literários (...)?*” (Mia Couto, apud Chabal, 1994: 289 – sublinhados nossos). Todavia, ao contrário de *Cronicando*, em que poderemos considerar a maioria dos textos contos, em *Pensageiro Frequente*, a maioria dos textos inseri-mo-la na crónica. Poderemos considerar conto, eventualmente, “O caniço apanhando onda”; “Carta de Ronaldinho”. Mas essa classificação genológica dos textos em conto será muito forçada. A estrutura é idêntica aos outros textos⁹. O que os separa é sobretudo o facto de que nestes dois se usa a terceira pessoa do singular e o narrador heterodiegético parece distanciar-se mais da narrativa, imprimindo-lhe visivelmente um cunho ficcional.

A generalidade dos textos de *Pensageiro Frequente* são maioritariamente escritos na primeira pessoa do singular, aparentemente autobiográficos, em que o narrador se guia pela memória e visita a sua infância e os espaços a ela associados, como os da cidade da Beira. Autobiográfico, não só pela utilização da primeira pessoa do singular, mas também porque refere a sua cidade natal, a sua outra profissão, quer explicitamente (“nas minhas andanças de biólogo” (PF: 51)), quer pelas temáticas abordadas (a biodiversidade, por exemplo) e as suas experiências (“No dia da Independência eu tinha 19 anos” (PF: 59)). A alusão que faz, por exemplo, ao racismo da Beira em “A cidade sonhada” vai ao encontro do que relata a Patrick Chabal: “A Beira era uma cidade muito conflituosa porque a fron-

⁹ À excepção de um número ainda consideráveis de textos, como: “Outras formas de voar”, “As águas da terra”, “O doce travo da sura”, “Um mar de trocas, um oceano de mitos”, “A cidade na varanda do tempo” e “Zambeizando”, em que não podemos falar de acção narrativa, mas antes de descrição da paisagem feita por um narrador-reporter.

teira entre os brancos e os negros era uma fronteira muito misturada (...) Era um ambiente muito racista” (Chabal, 1994: 275-276).

Apesar de neste livro a maioria esmagadora dos textos serem sobre Moçambique, há uma crónica sobre o Rio de Janeiro (“O Zambeze desaguando na Amazónia”) e outra sobre Luanda (“Os lugares voadores”). Na “Nota introdutória” ao livro, o autor esclarece que o seu objectivo ao escrever aqueles textos foi “fazer com que o meu país voasse pelos dedos do viajante, numa visita às múltiplas identidades que coexistem numa única nação” (PF: 9). O tema das identidades congrega, de facto, as crónicas, tema que o autor tem destacado ao longo da sua carreira e casa bem com a viagem e com a filosofia de vida de Mia Couto. Como refere a Michel Laban saiu da informação porque não queria ser mais director, mas antes “Querida visitar o meu país para reaprender...” (Chabal, 1994: 285). Na verdade, nestas crónicas, Mia Couto é ele também produtor e receptor dos seus textos, é ele também o passageiro que viaja pelo seu país (sobretudo), e que o pensa na apreensão que faz dele. Consequentemente, o narrador destas narrativas breves é geralmente um “narrador-repórter”.

As crónicas de *Pensageiro Frequente* têm em comum o facto de serem escritas num registo informativo, na fronteira entre a realidade e o literário, que a linguagem, pelo ritmo e visualização, permite. Este registo está presente em “Outras formas de voar”, que conclui numa espécie de aforismo: “Não é o voarmos sobre os lugares que marca a memória. É o quanto esses lugares continuarão voando dentro de nós” (PF: 115). Este livro está igualmente impregnado de aforismos e de verdades universais ligados com a relação *eu-mundo*, *eu-outro*, de que damos aqui alguns exemplos: “As ilhas existem dentro de nós, como um território sonhado” (PF: 31); “a resposta é errada simplesmente porque a pergunta é incorrecta” (PF: 69); “O mais importante nunca se pode fotografar” (PF: 103); “Pouco do mundo teremos visto se não tivermos olhado os pássaros” (PF: 119). Neste sentido, o autor, em *Interinvenções*, escreve sobre a percepção de viagem actualmente: “nos nossos dias, já não há viagem. Deslocamo-nos apenas. A velocidade que possibilita a deslocação acabou matando a viagem. (...) a viagem obriga-nos a sermos outros, a descentrarmo-nos, a deslocarmo-nos para fora de nós” (I: 184). Ora, o título de *Pensageiro Frequente* remete-nos para um viajar pela via do pensamento, um repensar o que já se sabe/conhece e que vai de encontro à simples deslocação.

Pensageiro Frequente é, pois, uma forma de viajar por Moçambique menos conhecido. Assim, em vinte e seis textos no total de *Pensageiro Frequente*, para além da Beira (cinco textos) e de Maputo (três textos), Mia Couto faz um convite ao leitor para conhecer o Norte de Moçambique e as suas baleias; a biodiversidade de Machangulo, perto de Maputo; a

costa de Cabo Delgado, no norte; o interior; Tete; Inhambane; a ilha de Bazaruto; o litoral moçambicano e a relação do país com o Índico. Todos estes lugares estão sintetizados nas 10 regiões de Moçambique em “As águas da terra”, todas unidas pelo líquido elemento. Este elemento aparece como elo unificador ao longo dos textos, através do mar ou do rio. É sobre isso a crónica “Zambezeando”, em que o escritor segue o curso do rio Zambeze “Empreendo aqui a imaginária viagem do nosso rio maior, da nascente à foz” (PF: 45).

Outra das temáticas, *Leitmotiv* da obra miacoutina, é a da identidade na sua relação com a mestiçagem e multiculturalidade de Moçambique, que “A cidade na varanda do tempo” sintetiza bem.

4. Em relação a *Se Obama fosse Africano e outras Interinvenções*, este é um livro que compila “textos de intervenção”, por sua vez, *Pensatempos*, como refere o paratexto, logo na capa, apresenta “textos de opinião”. Destes o que menos se assemelha a crónicas é *Interinvenções*, em que os textos se aproximam mais do ensaio. Estes dois livros são constituídos por textos mais interventivos, mais explícitos e menos metafóricos. Apesar de em rigor não os conseguirmos categorizar de livros de crónicas, a verdade é que nos ajudam a interpretar e compreender as crónicas do escritor. Em que medida? Na medida em que explicitamente e sem pruridos nem tabus, Mia Couto expõe a sua opinião sobre a sociedade moçambicana. Uma sociedade mestiça, onde nem sempre coabita bem a multiculturalidade, a diferença. Uma sociedade onde predomina a ruralidade, os hábitos e costumes que “não são facilmente redutíveis às lógicas dominantes na Europa” (I: 22). Como entender, então, essa sociedade e o continente africano? O autor dá a chave: “Para entender a diversidade africana, porém, é preciso conhecer os sistemas de pensamento e os universos religiosos, que frequentemente nem sequer têm nome” (I: 22-23).

Quer em *Se Obama fosse Africano e outras Interinvenções*, quer em *Pensatempos*, as temáticas abordadas cruzam-se com os temas das crónicas dos dois livros que temos vindo a referir: as consequências da colonização, da luta de libertação e da guerra civil, o culto da aparência, a violência doméstica e a violência contra as mulheres, o lugar da língua portuguesa em Moçambique, o fenómeno da globalização, a identidade na relação com a mestiçagem, a crítica à corrupção, a constatação da pobreza em Moçambique, a biodiversidade, etc. Também, ainda que em diferentes graus, o lirismo está presente em todos.

5. *Cronicando* é o resultado do hibridismo da crónica, não tanto na fronteira entre o género jornalístico e o literário, mas antes, dentro do literário, o hibridismo entre a crónica literária e o conto. Os textos aí compilados foram a solução que o autor encontrou para

“manter um certo laço com a oralidade”, pois “queria encontrar outros caminhos para a transmissão de informação em Moçambique” (Mia Couto, *pub Martins*, 2006: 406). Neste sentido, é difícil categorizar os textos de *Cronicando* como ou apenas crónicas literárias ou apenas contos. Esses textos representam, antes, uma fusão dos factos reais com a estória, uma síntese entre oralidade e escrita. São textos que se inscrevem na vertente da intervenção conjugando-se com uma intencionalidade literária.

A crónica de Mia Couto é, assim, um género misto, um *entregénero*. Em *Cronicando*, situa-se entre a crónica literária e o conto. Em *Pensageiro Frequente*, situa-se entre o jornalismo e a literatura, destacando-se a informalidade nestes textos compilados em 2010. Crónica literária, porque a intencionalidade, que o leitor reconhece, é literária e porque ao ser escrita por um escritor predispõe, igualmente, o leitor para a ler enquanto tal. Estes textos de Mia Couto acrescentam às crónicas jornalísticas o lirismo, o humor, o drama, os elementos ficcionais.

Os textos de Mia Couto têm também um papel pedagógico, pois são um veículo privilegiado para mostrar a realidade. Por vezes de forma divertida, o autor consegue atrair o leitor e fazê-lo reflectir para os problemas sociais, económicos, culturais, etc. Estabelece-se, assim, a ideia de diálogo com o leitor. No entanto, o dialogismo não é feito de forma explícita. Dá-se porque o leitor é levado a uma reflexão sobre o assunto abordado.

Mia Couto parte da realidade moçambicana, porém com sensibilidade e interpretação da linguagem miacoutiana, a realidade transfigura-se literariamente. Ao expor a sua biografia, o escritor acentua o carácter pessoal da crónica e consegue profundidade, convidando à reflexão pela pluralidade de ambientes que instaura. Estes textos de *Cronicando* e de *Pensageiro Frequente* são, ao mesmo tempo, líricos, ensaísticos, críticos, históricos, factuais, filosóficos, opinativos, testemunhais. Conseguem concentrar emoções, pelos condicionalismos que deram origem a estes textos (publicados primeiramente em periódicos). Assim, nasceram do contexto da síntese, logo obrigados à capacidade de condensar emoções e perspectivas.

Os textos de *Pensageiro Frequente* são mais biográficos que os de *Cronicando*, característica que mais nos permite fazer a distinção, em Mia Couto, entre textos cronísticos e entre conto. Todos estes textos se situam entre a intervenção e a intencionalidade literária. As crónicas de Mia Couto captam os instantes históricos de Moçambique, com um olhar irónico e denunciador, mostrando o papel de escritor interventivo e crítico em relação à realidade sua contemporânea. E essa realidade é multifacetada, multicultural, complexa e híbrida. É esse hibridismo que Mia Couto tenta transpor para os seus textos, não só nas temáticas que aborda, mas pela forma como o faz, criando uma linguagem própria e um género de narrativa breve que se situa entre a crónica e o conto: o *entregénero* miacoutiano.

BIBLIOGRAFIA

- ANGIUS, Fernanda, ANGIUS, Matteo (1998). *O Desanoitecer da palavra*. Mindelo/Praia: Embaixada de Portugal/Centro Cultural Português.
- BIAZETTO, Flávia Cristina Bandeca (Setembro 2007). «Novos tempos, outros valores: uma breve comparação entre as crônicas “Os computadores e eu” e “Sangue da avó, manchando a alcatifa”». *Labirintos. Revista Electrónica do Núcleo de Estudos Portugueses da Universidade Estadual de Feira de Santana*, 1. Disponível em http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2007/06_artigo_flavia_cristina_bandeca_biazetto.pdf (13/1/2011)
- CHABAL, Patrick (1994): «Mia Couto». *Vozes Moçambicanas: Literatura e Nacionalidade*. Lisboa: Vega, 274-291.
- COUTO, Mia (1991). *Cronicando*. Lisboa: Caminho.
- (2002). *Vozes Anoitecidas*. Lisboa: Caminho.
- (2005). *Pensatemplos*. Lisboa: Caminho.
- (2005). *E se Obama fosse Africano e outras Interinvenções*. Lisboa: Caminho.
- (2010). *Pensageiro Frequente*. Lisboa: Caminho.
- Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003). Lisboa: Temas e Debates.
- GOMES, Fernanda Antunes (2007). *A Arte de Cronicar em Ana Paula Tavares*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/mestrado/GomesFA.pdf>
- HAMILTON, Russell G. (2010). «Um cronista contemporâneo, jornalista jocoso queixotório, contador de histórias realista-mágicas e manipulador “imaginadâncio” de linguagem». *Pensando África: Literatura, Arte, Cultura e Ensino*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 83-90.
- LABAN, Michel (1998). *Moçambique – Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng^o António de Almeida, Vol III, 995-1040.
- LARANJEIRA, Pires (2001). «Mia Couto e as literaturas africanas de língua portuguesa». *Revista de Filologia Românica*, II, 85-205. Também disponível em: <http://revistas.ucm.es/flil/0212999x/articulos/RFRM0101220185A.PDF>
- MARTINS, Celina (2006), «O escrevinhador Mia Couto. A poética da diversidade: Conversa com o escritor moçambicano no Funchal, 22 de Abril de 2002 - Madeira, Portugal». *O Entrelaçar das Vozes Mestiças*. Estoril: Príncipe Editora, 403-412. Também disponível <http://revistabrasil.org/revista/artigos/celina3.html>
- NUNES, Ana Margarida e COIMBRA, Rosa Lúcia (2007). «Um estudo da amálgama e do seu valor metafórico em Mia Couto». *Actas del VI Congreso de Lingüística General*. Madrid: Arco Libros, 1465-1474. Também disponível em http://pfonetica.web.ua.pt/files/publicacoes/6CILG_2007.pdf
- SÁ, Jorge de (2005). *A Crônica*. São Paulo: Editora Ática.
- SILVA, Avani Souza (2007). *Guimarães Rosa e Mia Couto: ecos do imaginário infantil*. Dissertação de mestrado. S. Paulo: USP. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:zAR9vEPHzLJ:www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-02102007-140711/+cronicando+de+mia+couto&cd=31&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt> (13/1/2011)

RESUMO

Este artigo analisa o hibridismo genológico nos livros de Mia Couto: *Cronicando* (1991) e *Pensageiro Frequente* (2010).

ABSTRACT

This article analyses the literary genre hybridization in Mia Couto's chronicle collections *Cronicando* (1991) and *Pensageiro Frequente* (2010).

